

C. G. JUNG

PSICOLOGIA E POESIA

INTRODUÇÃO

CERTO, e mesmo evidente, que a psicologia, ciência dos atos e dos processos psíquicos, pode e deve prestar uma contribuição aos trabalhos literários: a alma humana acaso não é, ao mesmo tempo, a mãe de toda ciência e o vaso atricial de toda obra de arte? Assim pois seria lícito esperar das ciências da alma que pudessem ajudar, de um lado, a elucidar a estrutura psicológica de uma obra de arte, e de outro, a explicar os condicionamentos psicológicos do artista criador.

Entretanto, que essas duas tarefas são essencialmente diferentes. Estudar uma obra de arte é analisar o fruto, engendrado "intencionalmente", de faculdades e atividades psíquicas complexas. Estudar os condicionamentos psicológicos do artista criador é estudar o próprio aparelho psíquico. No primeiro caso, o objeto da interpretação psicológica é a obra de arte concreta; no segundo, é o ser humano criador que está em causa, sob a forma de uma personalidade moldada por uma unicidade. Ainda que a obra de arte e seu criador mantenham entre si as mais estreitas relações e estejam ligados por interferências indissolúveis, não é menos verdade que um não pode explicar o outro. É certamente possível tirar de um dedução válida no que concerne ao outro. Mas estas nunca são logicamente obrigatórias. No melhor dos casos exprimem probabilidades e perspectivas felizes e não cessam disso.

Quando Fausto exclama: "As mães, as mães, isto soa de maneira tão estranha", o que sabemos da atitude pessoal de Goethe em relação a sua mãe nos ajuda e esclarece. Estamos porém, longe de compreender como uma fixação materna poderia engendrar um "Fausto", ainda que uma intuição profunda nos incite a pensar que os laços maternos desempenharam no homem que foi Goethe um papel importante, deixando, precisamente no "Fausto", traços particularmente reveladores. De modo inverso, não nos é possível, partindo do "Ciclo dos Nibelungen", perceber ou deduzir com segurança o fato de que Wagner se sentia atraído por homens vestidos de mulheres, se bem que mesmo aqui seja possível discernir os caminhos secretos que vão dos traços heróicos dos Nibelungen ao que havia de morbidamente feminino no indivíduo Wagner. *A psicologia pessoal do criador revela certos traços em sua obra, mas não a explica.* Supondo mesmo que a explicasse, e com sucesso, seria necessário concluir que aquilo que ela contém de pretensamente criador não passaria de um sintoma, circunstância nada vantajosa, nem gloriosa para a obra.

O estado atual da ciência psicológica — que, seja dito de passagem, constitui o ramo mais jovem de nossos conhecimentos — não permite de forma alguma estabelecer, no domínio da interpretação literária, encadeamentos estritos e causa a efeito; é isto, porém, o que se espera de uma ciência. Ora, a psicologia só revela encadeamento causal estrito no domínio semi-psicológico dos instintos e dos reflexos. Mas desde que começa a vida propriamente animica,

isto é, desde que se abordam os complexos, a psicologia deve contentar-se em dar descrições circunstanciadas dos desenvolvimentos constatados; ela deve contentar-se em oferecer imagens tão vivas quanto possível das tramas frequentemente singulares que observa, as quais são tecidas com uma finura quase sobre-humana; deve renunciar, enfim, à pretensão de que um ou outro de seus elementos se imponha de maneira necessária. Se não fôsse assim, se a psicologia pudesse vangloriar-se de ter extraído causalidades certas da obra de arte ou do seio de sua criação, toda crítica de arte e toda estética seriam amputadas de sua base e estariam condenadas a não ser mais do que especialidades da psicologia. Ainda que esta nunca deva, sob pena de exceder-se, renunciar ao esforço de constatar e analisar a causalidade eventual dos processos complexos, julgo que sua expectativa jamais será satisfeita, pois os elementos criadores irracionais, claramente manifestos na arte, votarão ao fracasso todas as tentativas racionalizantes. Todos os desenvolvimentos psíquicos que se dão no quadro do consciente são explicáveis de maneira causal; entretanto, *o momento criador, que mergulha suas raízes na imensidade difusa do inconsciente permanecerá, indubitavelmente, para sempre fechado aos assaltos do conhecimento humano.* Será possível descrevê-lo em suas manifestações, vislumbrá-lo, mas ele sempre escapará em sua essência. Esse é o motivo pelo qual a crítica de arte e a psicologia permanecerão tributárias, o princípio de uma não suprimindo a outra: o princípio da psicologia é o de mostrar os materiais psíquicos a serem estudados numa perspectiva que os faz decorrer de suas premissas causais; o princípio da crítica artística, inversamente, é o de considerar o fato psíquico como um dado existencial e irreduzível, quer se trate do artista ou de sua obra. Ainda que rivais, esses dois princípios são válidos.

A OBRA

A perspectiva segundo a qual a psicologia considera uma obra prima da literatura distingue-se, por suas características, da perspectiva literária. Os valores e os fatos aos quais esta última se prende essencialmente podem ser desprovidos de qualquer interesse para a primeira; inversamente, obras de um valor literário mais que duvidoso, podem reter o interesse particular do psicólogo. O romance dito psicológico, por exemplo, não lhe proporciona o que dele extrai a perspectiva literária. Um tal romance, enquanto um todo que tem sua razão de ser em si, se explica por si mesmo, encarna por assim dizer sua própria psicologia, que o psicólogo no máximo poderia completar ou criticar. Resta debater por que tal autor concebeu tal obra. Voltaremos a este ponto na segunda parte desta exposição.

O romance não-psicológico, ao contrário, oferece em geral à elucidação psicológica melhores possibilidades. O autor não tem intenções expressamente psicológicas, não antecipa a psicologia de seus personagens; por este fato, não só dá margem à análise e à interpretação, como as solicita mesmo, pela objetividade de suas descrições. Bons exemplos são